

## Processo criativo de *Noisigil*: sigilo sonoro ocultista do *Posthuman Tantra*

Edgar Silveira Franco (Ciberpajé)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo estrutura-se como um relato do processo criativo de um sigilo sonoro ocultista desenvolvido como *single* musical para a banda performática *Posthuman Tantra*. O *single Noisigil* é o resultado de uma ação "mágica" com o objetivo claro de transformar um aspecto de minha realidade como ser, fazendo emergir uma das forças atávicas e animistas de um de meus totens animais. O texto apresenta a proposta estética da banda performática *Posthuman Tantra*, que envolve conceitos de tecnoshamanismo, tecnognose, hipertecnologia, transumanismo, a utilização de realidades vegetais, realidades aumentadas e cíbridas como base poética e suas conexões com a cosmogonia transmídia da "Aurora Pós-humana", universo ficcional e mágico utilizado como ambientação para as músicas e performances da banda e também para múltiplas de minhas criações artísticas transmidiáticas, todas de caráter ritualístico e transcendente. Finalmente detalha o processo criativo do sigilo sonoro *Noisigil* e sua proposta baseada em um desdobramento da magia ritualística de sigilos de Austin Osman Spare.

**Palavras-chave:** Música eletrônica. Processos criativos. Arte e magia. Magia de sigilos. Pós-humano. Transmídia.

**Abstract:** This paper is structured as an account of the creative process of an occultist sound sigil developed as a music single for the band Posthuman Tantra. The Noisigil single is the result of a "magickal" action with the objective of transforming an aspect of my reality as human being, giving rise the atavistic and animist forces of one of my animal totems. The text presents the aesthetic proposal of Posthuman Tantra, which involves concepts of tecnoshamanism, technognosis, hypertechnology, transhumanism and the use of vegetal realities, augmented realities and cybrids as poetic and its connections with the transmedia cosmogony of "Posthuman Down", fictional and magick universe used as a setting for the music and performances of the band and also to many of my transmedia artistic creations, all of ritualistic and transcendent character. Finally details the creative process of sound sigil Noisigil and its proposal based on ritualistic magic sigils of Austin Osman Spare.

**Keywords:** Electronic music. Creative processes. Art and magic. Magic sigils. Posthuman. Transmedia.

---

<sup>1</sup> Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela Unicamp. Professor permanente do programa de pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG), e coordenador do grupo de pesquisa Criação & Ciberarte.

## O universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana: uma cosmogonia mágico-artística ritualística

A Aurora Pós-humana é um universo transmídia de ficção científica criado por mim com o objetivo de servir como ambientação a trabalhos artísticos em múltiplas mídias, para além de objetivos apenas de ordem estética e de autoexpressão poética o universo também se estabelece como um sistema mágico pessoal, a base estrutural de minhas ações como magista. A estrutura mágica do universo da Aurora Pós-humana é baseada na concepção de magia do caos (*chaos magick*) do ocultista Peter J. Carroll (1987). A lógica intrínseca dessa estrutura não pode ser revelada, e trata-se de um construto pessoal do magista. Sobre as minhas inspirações para o desenvolvimento da Aurora Pós-humana:

A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a espécie humana, como a conhecemos, está em processo de extinção. O corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a “tecnognose” (Erik Davis, 1998), substituíram quase por completo as religiões ancestrais. A *Aurora Pós-humana* é um universo em expansão, já que constantemente estão sendo agregados a ela dados e novas características que regem essa futura sociedade pós-humana. O desejo de Edgar Franco ao criá-la, não foi apenas refletir sobre o que os avanços tecnológicos futuros poderão significar para a espécie humana e para o planeta, mas também produzir uma ambientação que gere o “deslocamento conceitual” descrito por Philip K. Dick (*apud* SUTIN, 1995) e assim criar obras que discutam a implicação dessas tecnologias no panorama contemporâneo, ou seja, problematizar o presente por meio de narrativas e obras deslocadas para um futuro ficcional hipotético (FRANCO e BARROS, 2015, p. 15).

O universo ficcional propõe um futuro não muito distante, onde boa parte dos vislumbres da ciência e da tecnologia atuais tornaram-se uma realidade ordinária. A chamada espécie humana passa por profundas rupturas de valores, por drásticas mudanças de forma física e cognitiva, o que conseqüentemente resulta em rupturas de ordem ideológica, religiosa e sociocultural. Nesse futuro, a transferência do que chamamos de consciência humana já é possível em um processo chamado transbiomorfose, em que ela migra para um *chip* de computador. Assim milhões de pessoas abandonaram seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. Nesse hipotético,

futuro a bioengenharia avançou tanto que permite a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica. Criaturas que em suas características físicas remetem-nos imediatamente às quimeras mitológicas. Essas duas “espécies” pós-humanas tornaram-se culturas antagônicas e hegemônicas disputando o poder em cidades-estado ao redor do globo, enquanto uma pequena parcela da população, uma casta oprimida e em vias de extinção, insiste em preservar as características humanas, resistindo às mudanças (FRANCO e BARROS, 2015, p. 16).

Edgar Silveira Franco se utiliza de um universo ficcional imagético para trabalhar suas propostas filosóficas, e não textos teóricos, como é correto no pensamento ocidental – o que em si já demarca a forma inovadora com que Franco pretende discutir os novos paradigmas filosóficos e tecnológicos que se apresentam no mundo contemporâneo: para um novo pensamento, novos suportes de discussão textuais e imagéticos (SMANIOTTO, 2015, p. 4).

A Aurora Pós-humana, por sua ampla abrangência conceitual, tem servido de ambientação ficcional para minhas criações em múltiplas mídias: histórias em quadrinhos, HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas) – como *Ariadne e o Labirinto Pós-humano* e *Neomaso Prometeu*; HQforismos; música eletrônica de base digital – nos CDs das bandas *Posthuman Tantra*, *Posthuman Worm* e do projeto musical Ciberpajé; *web arte* – como no site “O Mito Ômega”, baseado em vida artificial e algoritmos evolucionários; instalações interativas – como *Imobille Art* apresentada na Mobile Fest no MIS SP em 2009; ilustrações híbridas; aforismos; videoclipes; animações e chegando às performances multimídia com o projeto musical performático *Posthuman Tantra*. A criação de histórias em quadrinhos ambientadas na Aurora Pós-humana tem sido explorada principalmente em dois contextos: a trilogia *BioCyberDrama*, parceria com o lendário quadrinhista Mozart Couto, tendo a primeira parte lançada pela editora Opera Graphica em 2003 e a saga completa lançada em um álbum intitulado *BioCyberDrama Saga* pela Editora da UFG em 2013; também a revista em quadrinhos de periodicidade anual *Artlectos & Pós-humanos*, com 10 números publicados pela editora *Marca de Fantasia*, uma ação de extensão ligada ao *Programa de Pós-graduação da UFPB* – Universidade Federal da Paraíba.

## Música eletrônica e digital e as performances híbridas do Posthuman Tantra

O projeto musical transmídia *Posthuman Tantra* nasceu em 2004 com o objetivo de criar as ambiências sonoras para o meu universo ficcional da Aurora Pós-humana. O projeto foi gestado como um dos desdobramentos artísticos de minha tese de doutorado em artes, *Perspectivas Pós-humanas nas Ciberartes*, defendida em 2006 na ECA/USP. A proposta lírica é refletir sobre os impactos da aceleração tecnológica sobre o ser humano e também tratar da tecnognose, do tecnoxamanismo e do tecnocultismo. A música e o ideário geral do *Posthuman Tantra* são influenciados pelas idéias de pensadores como Robert Anton Wilson, Terence MacKenna, Buckminster Fuller, Teilhard de Chardin, Aldous Huxley, Madame Blavatsky, John C. Lilly, Tim Leary, Giordano Bruno, John Dee, Rupert Sheldrake, Ken Wilber, P.K.Dick, Crowley, Stanislav Grof, Ray Kurzweil, Hans Moravec, Vernon Vinge, Austin Osman Spare e também pelas criações de artistas pós-humanos como: Orlan, H. R. Giger, Mark Pauline, Natasha Vita More, Stelarc, Roy Ascott, Eduardo Kac, David Cronenberg, Enki Bilal, Caza, Gazy Andraus, Antônio Amaral, H.R..Giger & alguns aspectos de movimentos como *The Extropy, Transhumanism & Immortalism*. O *Posthuman Tantra* pretende ser um casamento constante entre as minhas criações visuais e o universo da música *darkwave*. Até 2010 o *Posthuman Tantra* era uma banda de estúdio, composta apenas por mim, mas aí iniciamos nossas performances ao vivo e nos palcos somos uma banda com outros músicos e performers, atualmente o grupo conta também com a I Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Rose Franco (músicista e performer), Luiz Fers (figurinista e performer), Lucas Dal Berto (VJ).

Em seus 12 anos de existência o *Posthuman Tantra* conta com uma produção que já ultrapassou as 30 horas de música, lançadas em 5 álbuns oficiais em CD, 5 EPs, 6 split boxes, 4 split CDs, 2 *Singles* e participações em mais de 15 coletâneas em CD e outras 15 em formato digital. Esses trabalhos têm sido lançados por gravadoras e selos de países como Suíça, Inglaterra, França, Austrália, Japão e Brasil. O *Posthuman Tantra* foi a primeira banda de *dark ambient* brasileira a assinar com um selo Europeu, a *Legatus Records* da Suíça, que lançou dois álbuns oficiais da banda: *Neocortex Plug-in* (2007) e *Transhuman Reconnection Ecstasy* (2010), CDs que contaram com ótima distribuição e promoção em países como Alemanha, Suíça, Itália e Japão. Além desses

trabalhos a banda teve dois álbuns lançados pelo selo inglês *412 Recordings*, *Technological Singularities Vampires (2012)* – desenvolvido em parceria com a banda inglesa *Xa-mul* e que teve como temática vampiros criados pelos avanços da biotecnologia no universo ficcional da Aurora Pós-humana; assim como *Biotech Werewolves (2013)* – esse sobre lobisomens biotecnológicos. Em 2014, para comemorar os 10 anos de existência da banda e sua relevância na cena *dark ambient* mundial, a gravadora inglesa *412 Recordings* lançou um tributo ao *Posthuman Tantra: Ten Years of Posthumanity*, uma edição especial, com bandas de diversos países prestando sua homenagem ao *Posthuman Tantra* e criando suas versões para músicas da banda. O lançamento especial em CD duplo em caixa de DVD, contava com 2 faixas comemorativas criadas especialmente para ele, e foi acompanhado por encarte e 5 cards exclusivos. 14 bandas integram o tributo, incluindo representantes da Inglaterra, França, Colômbia e Brasil. Em 2015 foi lançado o CD “Lúcifer Transgênico” pela gravadora brasileira Terceiro Mundo Chaos, o álbum teve sua versão europeia lançada em 2016 pela *412 Recordings*, e já conta com 3 videoclipes criados para ele.

O *Posthuman Tantra* é também um dos desdobramentos de minha cosmogonia magística da Aurora Pós-humana - trato todas as minhas criações artísticas como rituais ocultistas de transformação e transmutação. Para mim a arte é uma incrível forma de magia e com ela busco a minha autocura rumo à integralidade como ser cósmico. Os avanços hipertecnológicos nos campos da engenharia genética, robótica, telemática, nanotecnologia e realidade virtual são temas recorrentes em minha arte, mas sempre conectados aos aspectos tecnognósticos existentes em todos esses avanços e a uma visão crítica e reflexiva sobre seu impacto naquilo que chamamos de humanidade. O pós-humanismo em minhas obras trata da era de superação da prepotência de nossa espécie em considerar-se a mais importante do planeta e a dignatária do poder sobre as demais espécies – esse humanismo egocêntrico que se não for brechado a tempo poderá ser o motivo da ruína da humanidade. As músicas do *Posthuman Tantra* são rituais ocultistas de magia caoísta com estruturas narrativas de ficção científica. Cada álbum tem sua própria narrativa e representa um complexo sigilo ritualístico de transmutação, por isso sempre aconselho às pessoas a ouvirem os CDs na íntegra, e de

preferência não em MP3, pois esse formato limitado corta muitas das frequências subliminares que utilizo nas músicas visando despertar certos chakras.

Durante sua existência, a banda tem recebido resenhas positivas em importantes veículos da área de música eletrônica como a revista *Judas Kiss* da Inglaterra, o site bielorusso *The Machinist* e na revista brasileira *Rock Hard Valhalla* - a qual incluiu entrevista e resenha de *Neocortex Plug-in* (figura 1) – com nota 9. Em 2010 a banda tornou-se um grupo performático e iniciou suas performances multimídia ao vivo, estreando nos palcos em junho durante o *Woodgothic Festival II*, em São Thomé das Letras (MG) – o festival é considerado um dos mais importantes da cena gótica brasileira e reuniu também atrações internacionais. Desde então as performances híbridas do *Posthuman Tantra* já foram apresentadas em 4 regiões do país em eventos acadêmicos como: *9# ART / 10# ART e 11# ART – Encontro Internacional de Arte e Tecnologia* (Brasília, 2010, 2011, 2012) *10 Dimensões da Arte e Tecnologia* (João Pessoa, UFPB, 2010), *III, IV e VII Seminário Nacional de Arte e Cultura Visual da UFG* (Goiânia, 2010, 2011, 2014), *II FAM – Festival Internacional de Arte e Mídia* (Anápolis, 2011), *II Seminário Erudito Pelo Não Dito da UEG* (Anápolis, 2013), *8º Simpósio Nacional de Arte Contemporânea da UFSM* (Santa Maria, 2013), *I Congresso de Filosofia da Cidade de Goiás e V Eu Penso* (Goiás, 2014), *III Encontro Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial* (Goiânia, 2016), assim como em eventos importantes do circuito nacional da música independente como o *16º Goiânia Noise Festival* (Goiânia, 2010), entre outros.



**Figura 1.** Sigilo que compõe a arte de capa do CD do *Posthuman Tantra, Neocortex Plug-in*. Gravadora *Legatus Records*, Suíça, 2007. **Fonte:** Obra de Edgar Franco.

A base conceitual que compõe o ecossistema estético das performances do *Posthuman Tantra* envolve fortes aspectos tecnognósticos e propõe aproximações entre magia do caos, transcendência e hipertecnologia através de uma contextualização baseada na ficção científica, ao mesmo tempo em que repudia a assepsia das imagens publicitárias que induzem ao consumo e à destruição da biosfera perpetrada pelas multinacionais auxiliadas pelas grandes agências publicitárias globais. As performances artístico ritualísticas incluem música eletrônica, projeções multimídia, narrativa em HQtrônica, efeitos computacionais de realidade aumentada (RA) e *face detecting* e elementos de prestidigitação eletrônica. Trata-se de um ciberitual que convida os espectadores a penetrarem em um mundo transumano de reconexão com a essência cósmica, mixando o universo mítico transcendente dos pajés das culturas ancestrais brasileiras às novas cosmogonias digitais das redes telemáticas. Como destaque em artigo sobre as performances do *Posthuman Tantra*, tratando de uma delas que resume bem a proposta geral das apresentações ritualísticas ao vivo:

A performance *Ciberpajelança*, apresentada no Festival de Performance Tubo de Ensaio (UnB, Brasília, 2013) – une de maneira singular aspectos da cultura ancestral nativa das tribos brasileiras, sobretudo suas percepções transcendentais através da incorporação de totens míticos animais e vegetais nos rituais de cura e energização – as chamadas “pajelanças” – às novas perspectivas pós-humanas abertas pela criação e incorporação de mundos digitais, cosmogonias computacionais possibilitadas pelo amplo universo das imagens numéricas e da hipermídia. Os ciberpajés da performance mixam o mundo das realidades vegetais – acesso a cosmogonias míticas através do uso de enteógenos – com o das realidades híbridas (criação de cosmogonias digitais) gerando um novo corpus transcendente. Essa performance envolveu música eletrônica digital – tocada com sintetizadores e controladores midi, música analógica: percussões, projeções multimídia: vídeo digital, os já destacados efeitos computacionais de realidade aumentada (RA) e *face detecting* e elementos de prestidigitação eletrônica. Ela constituiu-se de 3 atos curtos destacando as conexões possíveis entre o universo mítico dos pajés das culturas brasileiras e latino-americanas pré-coloniais e o universo tecnognóstico das hipermídias e da criação de cosmogonias digitais no amplo espectro das imagens numéricas (FRANCO, 2013, p. 8).



**Figura 2.** O *Posthuman Tantra* durante ensaio para performance. Foto de arquivo da banda, por Larissa Cesar de Almeida, 2014.

As performances do *Posthuman Tantra* têm, em sua maioria, 8 atos, mas em certas ocasiões especiais resumem-se a 3 atos que estruturam o ritual sonoro-performático híbrido. Cada ato constitui-se de um ritual específico com objetivos distintos, constituindo-se de ações mágicas que objetivam a transmutação dos performers envolvidos e a possível ação de transformação no público presente através de campos de “ressonância morfogenética”:

De acordo com a hipótese da causação formativa, eles constituem um novo tipo de campo, até agora desconhecido da física, e dotado de uma natureza intrinsecamente evolutiva. [...] Contêm uma espécie de memória coletiva a qual recorre cada membro da espécie, e para a qual cada um deles, por sua vez, contribui (SHELDRAKE, 1991, p. 115).

Reproduzo aqui um resumo da ação ritualística em 3 dos atos que compõem algumas das performances do *Posthuman Tantra*:

*1º Ato - Ciberpajelança* – O performer torna-se uma criatura totêmica mítica através do uso de efeitos computacionais de realidade aumentada. A audiência visualiza no telão o surgimento de 4 braços de serpentes nas costas do performer durante o ato, a música mixa elementos sonoros tribais a digitais e o cântico do pajé é entoado pelo performer. *2º Ato – A Transmutação do Lobisomem Transumano* – Os performers, utilizando efeitos de *face detecting* e realidade aumentada tornam-se lobisomens transumanos durante o ato. Enquanto cantam e performatizam – de costas para a audiência presente – eles são vistos no telão com a face transformada em uma criatura mítica totêmica pós-

humana, híbrido de humano e animal. *3º Ato – Penetrando Bioportas Virgens* – Simulação de abertura e penetração erótica de dispositivo biotecnológico aberto nas costas de duas performers. O ato envolve o uso de efeitos de prestidigitação eletrônica, maquiagem gore e luzes de leds, além de um vídeo exclusivo com o qual os performers interagem (FRANCO, 2013, p. 9).



**Figura 3.** O Ciberpajé (Edgar Franco) em performance do *Posthuman Tantra* durante o ato Ciberpajelança. Em destaque o uso da RA – Realidade Aumentada. Foto de arquivo da banda, por Luiz Fers, 2010.

Os álbuns e as apresentações do *Posthuman Tantra* buscam instaurar na forma de arte ritualística os universos da ficção científica *cyberpunk*, do ocultismo, da arte visionária, da psiconáutica, da tecnognose e do tecnoxamanismo como ecossistemas estéticos possíveis para a criação musical e de performances artísticas. Musicalmente, cada CD, EP, *split* e *single* lançado pela banda trabalha conceitos específicos dentro da cosmogonia transmídia da Aurora Pós-humana. A seguir, destaco o processo criativo do *single Noisigil*, lançado pela banda em maio de 2016 e disponibilizado para audição em seu canal no *Youtube*<sup>2</sup>. O *single* tem como base o desenvolvimento de uma técnica nova de magia de sigilos sonoros, baseados na tradição dos sigilos do artista e mago inglês Austin Osman Spare (1975).

<sup>2</sup> Posthuman Tantra - noisigil (*single*, 2016) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8ux8kSRfVH8>>.

### **Criando o *single Noisigil*: arte e magia de sigilos**

No dia seguinte à criação e lançamento de *Noisigil*, concedi uma entrevista<sup>3</sup> à IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana, Danielle Barros, pesquisadora de minha obra e doutoranda da Fiocruz-RJ. Nessa entrevista, esclareci detalhes do processo criativo que também tratarei aqui. O *single* do *Posthuman Tantra, Noisigil*, foi o resultado de uma ação mágica com o objetivo claro de transformar um aspecto de minha realidade como ser, fazendo emergir uma das forças atávicas e animistas de um de meus totens animais. Eu não o trato especificamente como uma música, prefiro chamá-lo de “sigilo sonoro”, focando-me mais em seus objetivos como processo ritualístico do que em sua forma.

No contexto histórico da tradição mágica e ocultista ocidental, um dos magistas que mais me influenciaram é o artista inglês Austin Osman Spare, criador de uma das técnicas mais eficazes de sigilos que eu já pratiquei. Não apenas minha criação musical, mas toda minha obra artística nas múltiplas mídias tem sido influenciada, desde 1995, pela prática mágica ocultista contemporânea, com destaque para a chamada magia caoticista de sigilos (SPARE e CARTER, 1916). Em minha atuação como artista, a utilização da magia ritualística tem objetivos fundamentalmente práticos: interesse-me pelos efeitos que a prática mágica pode realizar no contexto de minha vida ordinária, portanto não sou um aficionado do eruditismo ocultista. A arte para mim é uma forma de cura pessoal e busca de minha integralidade como ser e encaro cada criação artística como um ritual transcendente de transmutação individual. Diante disso, resalto que a única forma de magia que me interessa é a prática visando a obtenção de resultados objetivos. Resultados que eu experimente através da transformação de aspectos de minha vida ordinária, meu cotidiano humano.

Na contemporaneidade, toda a cultura ocidental erudita e acadêmica foi infestada pela praga da verborragia – existem eruditos hermetistas conhecedores profundos de todos os assuntos, em todas as áreas do conhecimento, mas em sua esmagadora maioria, esses eruditos são intelectualoides frouxos e ineptos que nunca experienciaram nada. Não passam de estéreis enciclopédias ambulantes de assuntos e

---

<sup>3</sup> NOISIGIL - Primeiro "Sigilo Sonoro Ocultista" do Posthuman Tantra - Entrevista ao Ciberpajé sobre o lançamento do *single* "noisigil", conduzida pela IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros, in: A Arte do Ciberpajé Edgar Franco. Disponível em: <<http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/05/noisigil-primeiro-sigilo-sonoro.html>>. Acesso em: 01 set. 2016.

temas que nunca vivenciaram e subsistem de enganarem inocentes facilmente impressionáveis com sua pomposa e fútil verborragia inócua, e em certa medida robotizada, pois reproduzem discursos alheios repetidos à exaustão – esse é também um sintoma de nossa era hipertecnológica regida por dispositivos imagéticos, nas palavras de Vílem Flusser:

A robotização dos gestos humanos já é facilmente constatável. Nos guichês de bancos, nas fábricas, em viagens turísticas, nas escolas, nos esportes, na dança. Menos facilmente, mas ainda possível, é ela constatável nos produtos intelectuais da atualidade. Nos textos científicos, poéticos e políticos, nas composições musicais, na arquitetura (FLUSSER, 2002, p. 66).

Infelizmente, a universidade tornou-se um espaço infestado por esses eruditos estéreis reprodutores de pensamentos e experiências alheias, por isso ela não transforma quase mais ninguém, não ilumina ninguém. No contexto do ocultismo e da magia ocidental contemporânea, temos um panorama parecido com o da universidade. Observamos inúmeros eruditos da magia, redigindo tratados inócuos e derivativos, criando milhares de sites e listas de discussão, azucrinando-nos em seus blogs e páginas de internet com um pseudo conhecimento mágico que não lhes serve de absolutamente nada, a não ser pelo fato de se sentirem respeitados por alguns idiotas pueris que admiram tal conhecimento. A única magia que me interessa é a prática, aquela que eu posso utilizar e experienciar a transformação de minha realidade. Para mim, todo o resto é lixo retórico desnecessário. A vida é breve e fugidia, e eu não tenho tempo a perder com eruditismos inócuos. Não que eu desconheça a tradição ocultista ocidental, já li demais, mas mantenho como base criativa ritualística apenas aquilo que me serve, as práticas que incorporo em minha produção artística, pois cada obra minha é uma ação ritualística de transmutação. O ocultismo é fascinante como tema para as artes, por isso muitas tendências do rock têm o utilizado como assunto desde a década de 1960. Mas a grande maioria desses musicistas não se preocupam realmente com magia, estão só usando-a como um tema que pode atrair a curiosidade para o que fazem. Conheço poucos artistas que realmente utilizam ritualisticamente sua música e arte.

A tradição de sigilos de Spare, em seu nada ortodoxo sistema mágico chamado de Zos Kia Cultus, gerou um sem número de desdobramentos na magia contemporânea.

nea e influenciou fortemente a concepção de magia do caos gestada por Peter J. Carroll (1987). Basicamente, para Spare (1975) um sigilo constitui-se da escrita de uma frase curta que determina as intenções mágicas, a vontade do magista, depois são eliminadas todas as letras repetidas e é feita uma recombinação das que sobraram na forma de um desenho simples, sobrepondo as letras e tornando-as não legíveis em uma representação visual iconográfica que deve ser inicialmente fixada pelo magista através de técnicas de êxtase e depois esquecida para efetivar-se. Ao longo do século XX, a magia de sigilos foi sendo utilizada por muitos magistas e vários desdobramentos visuais foram inventados a partir dela, como sigilos que partem de desenhos detalhados e recombinações, ou de ícones gráficos da tradição mágica. Entre os notórios praticantes da chamada magia do caos, destaca-se o roteirista de quadrinhos inglês Grant Morrison, autor da série épica em quadrinhos *The Invisibles*, a qual declarou ter sido concebida como um hipersigilo inspirado por uma abdução alienígena/experiência mística vivida por ele em Kathmandu<sup>4</sup>.

Em um dos ensaios notórios de Spare, chamado *The Book of Pleasures: (Self-love) the Psychology of Ecstasy*, escrito entre 1909 e 1913, mas publicado somente em 1975, o mago e artista revela-nos o conceito geral de “sigilo” para depois tratar de suas aplicações:

Os “Sigilos” são fórmulas visuais utilizadas para conduzir e unir a crença parcialmente livre com um desejo orgânico, funcionando como forma de transporte e fixação desse desejo até que seu propósito tenha servido ao eu subconsciente, e a seus meios de reencarnação no Ego. Todo pensamento pode ser expresso através da forma visual. Os “Sigilos” são monogramas de pensamento, para o controle da energia relativa ao Carma (toda a heráldica, cristas e monogramas são Sigilos e trazem os carmas que os governam). Eles são um meio matemático de simbolizar o desejo e de dar-lhe uma forma visual que tenha a virtude de prevenir qualquer pensamento e associação direta a este desejo durante a ação mágica, escapando a detecção do Ego, assim permitindo que a vontade do mago não fique presa às imagens do desejo, ou às preocupações transitórias que ele traz, permitindo seu trânsito livre para o subconsciente (SPARE, 1975, p. 55)<sup>5</sup>.

Sobre o “esquecimento” necessário à fixação do sigilo no inconsciente do mago, Spare destaca:

<sup>4</sup> Grant Morrison revela sua relação com a magia do caos e sobre os sigilos em suas obras no vídeo Grant Morrison THE disinfo speech. Disponível em: <<https://vimeo.com/120765919>>. Acesso em: 9 set. 2016.

<sup>5</sup> Tradução do autor.

Portanto, a crença, para ser verdadeira, deve ser orgânica e subconsciente. O desejo do mago só pode tornar-se orgânico num momento de vacuidade. Após sua absorção consciente na forma de sigilos ele deve ser reprimido, num esforço deliberado para esquecê-lo, através do qual será ativado e dominará o inconsciente por um período. Assim sua forma lhe permitirá ser fixado ao subconsciente e tornar-se orgânico. Isso resultará em sua realização (SPARE, 1975, p. 51)<sup>6</sup>.

A ideia do *single Noisigil* foi transmutar o conceito sigilístico tradicional do visual para o sonoro, para isso, após desenhar o sigilo baseado na minha sentença da vontade eu utilizei um sintetizador analógico *Gakken SX-150 Mark II* para efetivamente redesenhar o sigilo com sua caneta analógica durante a gravação das partes noises da faixa, em um estado de transe induzido. As outras partes, com as batidas mais tradicionais do *Posthuman Tantra* foram gravadas enquanto recitava a versão mântica do sigilo que também aparece em minhas vozes gravadas. O termo *Noisigil* é um neologismo em língua inglesa criado para nomear o sigilo, a mistura da palavra inglesa *noise* (barulho) com a palavra *sigil* (sigilo) – o nome veio da base ruidosa sonora que estrutura parte da faixa.

Como já foi destacado nesse texto, o universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana é também o meu sistema mágico. Eu sou o criador e a persona principal de meu universo, o Ciberpajé, e a realização do sigilo visa acelerar a incorporação de uma característica animista que necessito para transmutar minha realidade. Metaforicamente e no contexto da Aurora Pós-humana, o sigilo funciona como a mixagem dos genes desse animal em meu DNA, transmutando-me e permitindo-me adquirir um de seus talentos especiais. O sigilo nesse caso é uma operação mágica de transgenia humanimal (humano + animal), mas com uma tecnologia diferente da científica. Uma tecnologia de base ancestral mas com resultados práticos reais segundo a minha experiência com ela.

Em *Noisigil* criei uma experiência musical inusitada em minha trajetória como musicista, pois gravei um *single* que nunca mais será ouvido por mim, nem mesmo tocado em uma performance. Um sigilo mágico de qualquer ordem precisa ser “impresso” em nossa mente subconsciente para funcionar, mas após essa “impressão” ele deve ser esquecido ou não se efetivará completamente. No caso desse conceito de “sigilo so-

---

<sup>6</sup> Tradução do autor.

noros” criado por mim, a fixação aconteceu durante a gravação da faixa em estado de transe e recitando o mantra, e depois ainda em sua mixagem e na audição final dela por 11 vezes. O passo final foi publicá-la no canal do *Posthuman Tantra* no Youtube e jamais voltarei a ouvi-la, pois é parte fundamental do processo sigilístico não escutá-la mais. Isso gera uma circunstância curiosa, que eu nunca tinha experienciado, pois algumas pessoas têm comentado sobre a faixa e certos aspectos sonoros dela, despertando meu desejo de ouvi-la novamente, mas me controlo e jamais farei isso, pois o aspecto prático e de transmutação implícito em sua criação são mais importantes para mim do que qualquer sedução de ordem estética para ouvi-la novamente.

Algumas pessoas que acompanham a banda ficaram curiosas com o fato de eu ter criado uma faixa que não ouvirei mais e com a estrutura de sigilo sonoro. Uma edição limitadíssima do *single*, com apenas 33 cópias numeradas e assinadas em formato mini CD será feita para atender a solicitação de alguns fãs colecionadores do material do *Posthuman Tantra*. 33 cópias assinadas com meu sangue mutante humanimal pós-ritual. Mas para seguir regras estipuladas por mim no ritual do sigilo o CD só poderá ser realizado 11 meses após a sua criação e mantendo a promessa de jamais ouvi-lo novamente. Destaco que minha arte não visa entreter ou agradar ninguém, minha arte é um processo ritualístico de autotransformação, esse é seu objetivo fundamental, então, sinceramente não me preocupo com a sua recepção, se for boa, tudo bem; se não for, mantenho-me centrado e sereno.

Antes da criação do sigilo sonoro *Noisigil*, o artista gráfico Daniel Dutra, um admirador de meu trabalho com o *Posthuman Tantra*, e com um talento especial para criar sigilos visuais, desenvolveu um sigilo exclusivo para a banda, destacando nele os elementos pregnantes do ideário do *Posthuman Tantra*. A iconografia básica de Dutra remete-nos sempre à estrutura visual dos sigilos da tradição mágica ocidental. Esse sigilo visual foi usado como arte de capa do *single Noisigil* por sua capacidade de densificação do ideário do *Posthuman Tantra*. Trata-se de um sigilo geral para a banda que tem uma numerologia e iconografia muito especiais. Podemos revelar o que o constitui, mas não o que significa, pois o segredo do significado geral é sua força. Se-

que um diagrama visual (figura 4) criado por Daniel Dutra mostrando os símbolos presentes nele.



**Figura 4.** Mapa de simbologia do sigilo visual do *Posthuman Tantra* com arte de Daniel Dutra, 2016.

A conexão da arte de Daniel Dutra com o *single* é o fato de estarmos diante de dois sigilos, mas de ordem completamente diferente, um deles visual o outro sonoro. Eu também desenho sigilos visuais, mas eles têm uma visualidade mais distante da tradição visual dessa arte. No meu caso, eles não parecem de imediato que são sigilos, como a capa do número 10 (Figura 5) da minha revista "Artlectos e Pós-humanos" (Editora Marca de Fantasia, 2016). Já o sigilo da capa do *single* criado por Dutra e o sigilo visual de base criado por mim para ser transformado em som, no caso de *Noisigil*, têm essa característica de estarem diretamente conectados à tradição estética dos sigilos.



**Figura 5.** Sigilo que foi arte de capa da revista em quadrinhos Artlectos & Pós-humanos #10, publicada pela editora Marca de Fantasia, em março de 2016. **Fonte:** Arte de Edgar Franco.

A criar o *single* musical *Noisigil*, foi a primeira vez que realizei deliberadamente uma faixa sonora sigilo. Uma das inspirações para ela foi o fato de eu ter adquirido recentemente o sintetizador *Gakken SX-150 Mark II*, pois ele tem como interface sonora um instrumento que me remeteu imediatamente – por analogia – a uma caneta, então ao tocá-lo comecei a fazer experimentos literais de escrever frases e fazer desenhos utilizando a sua “caneta sonora”. A partir disso e de minha intenção recente de realizar um novo sigilo animista, tive a ideia de criar essa técnica particular de “sigilos sonoros” e realizar então o primeiro deles. Agora aguardarei o tempo necessário para avaliar a eficácia da técnica e, se funcionar devidamente, vou retomá-la em outras faixas. Nunca ouvi falar de alguém ter criado sigilos sonoros com um método semelhante a esse, creio ter inventado tal técnica.

Os objetivos gerais desse artigo foram apresentar as relações diretas entre a minha produção artística e as práticas mágicas que as engendram, destacando o universo ficcional transmídia da Aurora Pós-humana como uma cosmogonia mágica e a banda performática *Posthuman Tantra* como um dos desdobramentos de arte ritual dessa cosmogonia; finalmente também detalhar os processos criativos específicos envolvidos na criação do *single Noisigil*, no qual desenvolvi um método experimental novo de aplicação de magia de sigilos. Tratou-se portanto de um relato de processo de criação numa perspectiva auto etnográfica artística.

**Enviado:** 21 março 2017

**Aprovado:** 31 março 2017

## Referências

CARROLL, Peter J. *Liber null & psychonaut*. São Francisco: Weiser Books, 1987.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FRANCO, Edgar. *Artlectos e pós-humanos, 10*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2016.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas pós-humanas nas ciberartes*. Tese de doutorado, São Paulo: ECA-USP, 2006.

\_\_\_\_\_. “Posthuman Tantra e Artlectos & Pós-humanos: Ficção Científica Transmídia, Performance e HQ”, in *Anais do 12#ART – Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*, UnB, Brasília, 2013. Disponível em: <[https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/Edgar\\_Franco\\_final2.pdf](https://art.medialab.ufg.br/up/779/o/Edgar_Franco_final2.pdf)>.

FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. Noisigil - Primeiro “Sigilo Sonoro Ocultista” do Posthuman Tantra: Entrevista ao Ciberpajé , conduzida pela IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros. In: *A Arte do Ciberpajé Edgar Franco*, Disponível em: <<http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/05/noisigil-primeiro-sigilo-sonoro.html>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. *Processos criativos de quadrinhos poético-filosóficos: a revista artlectos e pós-humanos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015.

SHELDRAKE, Rupert. *O Renascimento da natureza*. São Paulo: Cultrix, 1991.

SMANIOTTO, Edgar. Por uma antropologia do ciberpajé: misticismo e transcendência na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco. In: *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras e Recepções*: Universidade de São Paulo – USP, 2015.

SPARE, Austin Osman. *The book of pleasure: (self-love) the psychology of ecstasy*. New York:93 Pub, 1975.

SPARE, Austin Osman; CARTER, Frederick. Automatic Drawing. In: *Form magazine* Vol. 1 No. 1, Londres: April 1916.